ESPECIAL
PLACAR
APENAS R$ 3,90
50 Times do CORINTHIANS
As melhores formações da história
www.placar.com.br
ISSN 1415-2401
Abril

Salve o Corinthians

Garrincha no Timão? Rivelino sem bigode? Paulo César Caju corintiano? Há um certo *non sense* nas afirmações acima mas, acredite, elas são verdadeiras. Debruçar-se sobre times posados é mesmo uma viagem no tempo sujeita a surpresas como essas. Ao publicar pôsteres das melhores, mais queridas, mais curiosas e até da mais folclórica equipe da história (o "Faz-me-Rir" de 1961), PLACAR inventa uma nova maneira de contar a história do futebol. Basta olhar para o semblante dos jogadores e reparar nos uniformes da época para perceber o significado de cada um dos times. São cinqüenta equipes, de 1914 até a formação atual. O editor Celso Unzelte, um dos maiores especialistas em Corinthians do país, foi escoltado nessa empreitada pelo editor de fotografia Ricardo Corrêa. Juntos eles vascularam arquivos e tiraram o pó de fotos amareladas. O resultado pode ser grudado na parede.

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina

PLACAR ESPECIAL

Diretor Superintendente: Mauro Calliari

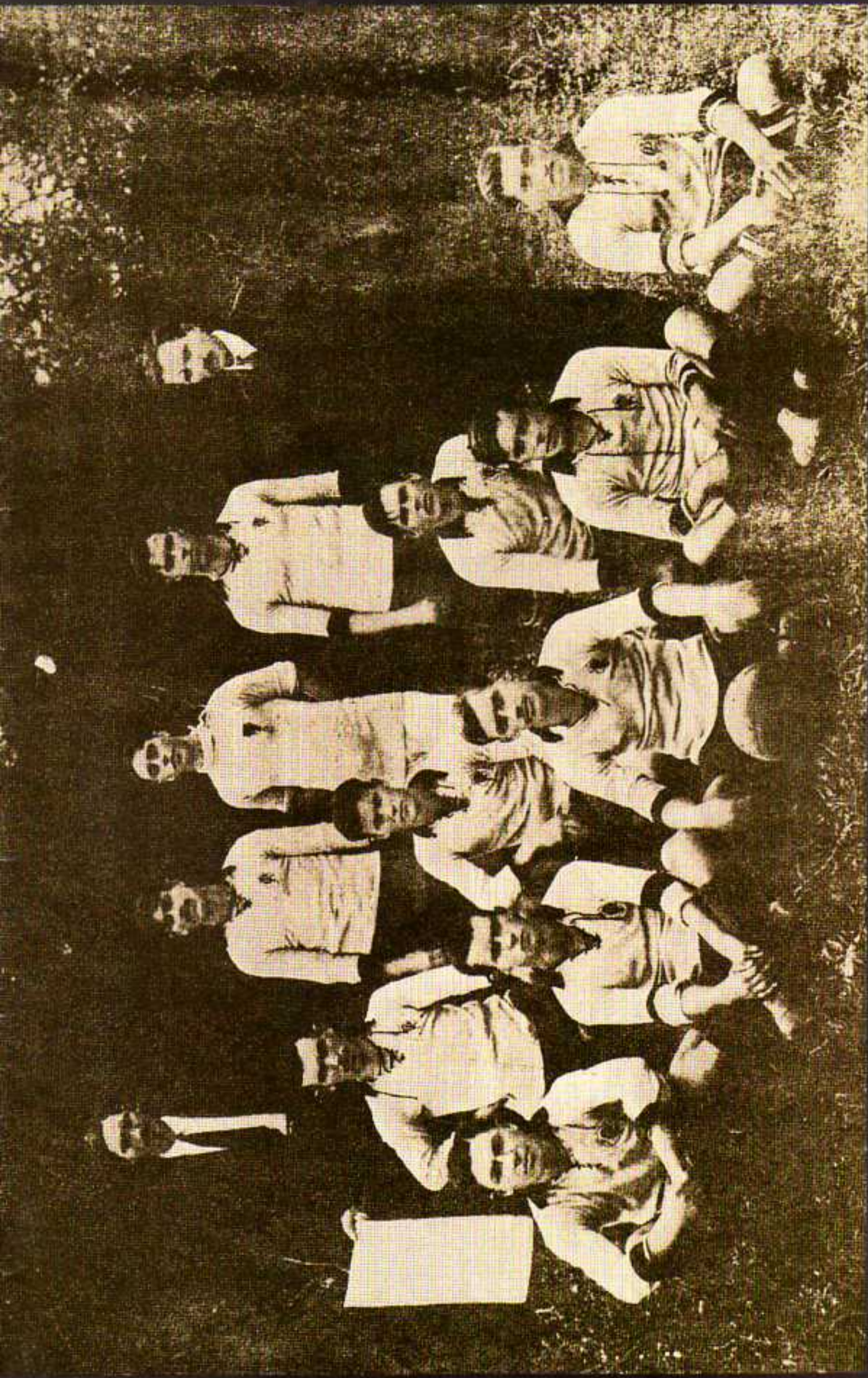
Diretor de Redação: Lelio Serva

Diretora de Arte: Cristina Veit
Redator-Chefe: Sérgio Xavier Filho
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editor Sênior: Celso Unzelte
Subeditor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Chefe de Arte: Fábio Bosquê Ruy
Diagramação e Capa: Fernando Morra
Atendimento ao Leitor: Silvana Ribeiro
Revisão: Pier Luigi Cabra

Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

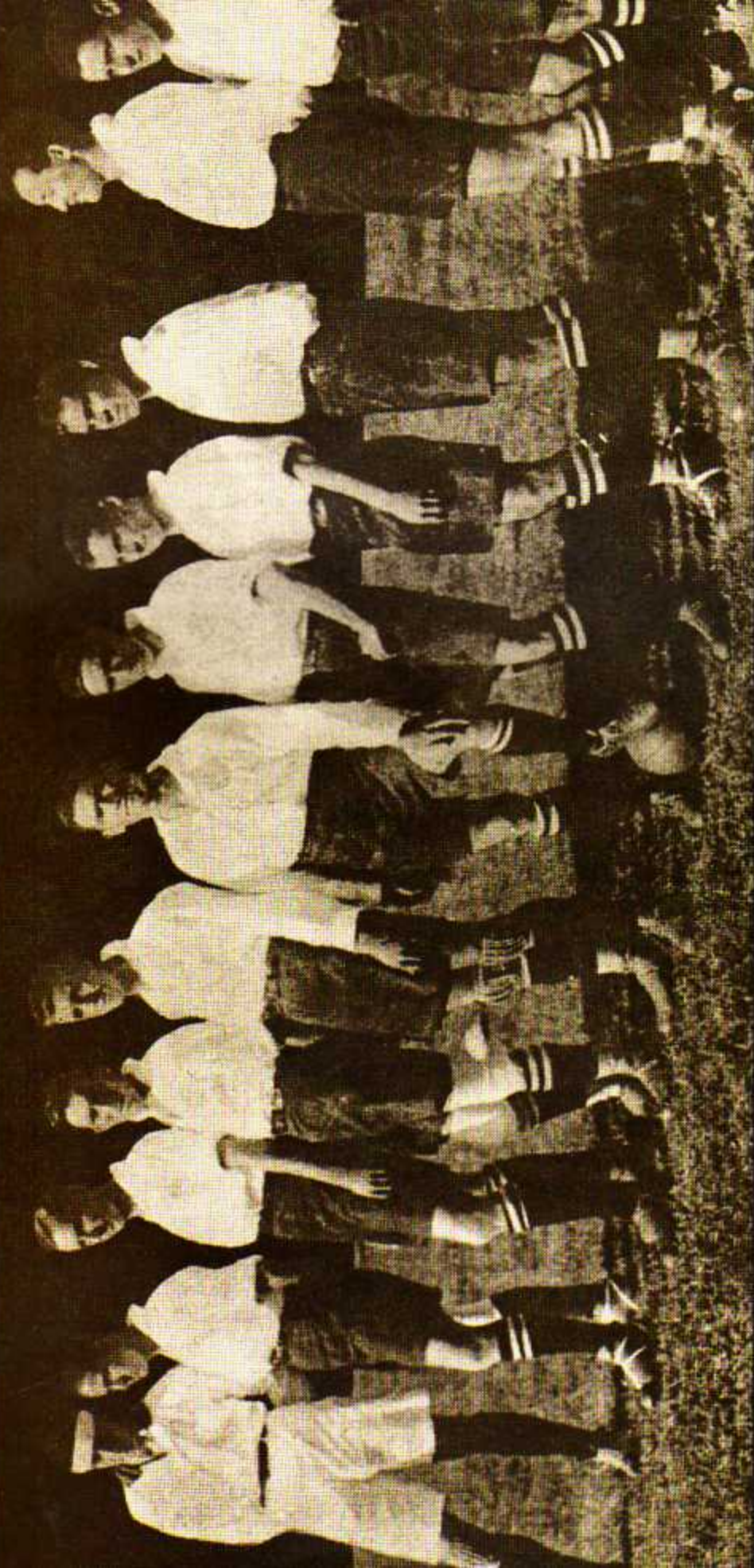
RICARDO CORRÊA

1914 Novato e vencedor

Calouro no Campeonato Paulista de 1913 (depois de ganhar a vaga em dois jogos eliminatórios, contra Minas Gerais e São Paulo do Bexiga), o Timão ficaria com o título da Liga Paulista de Futebol já no ano seguinte. E invicto, com 7 vitórias e 1 empate em 8 jogos. O escudo da época, bem diferente do atual, trazia apenas as letras S, C e P.

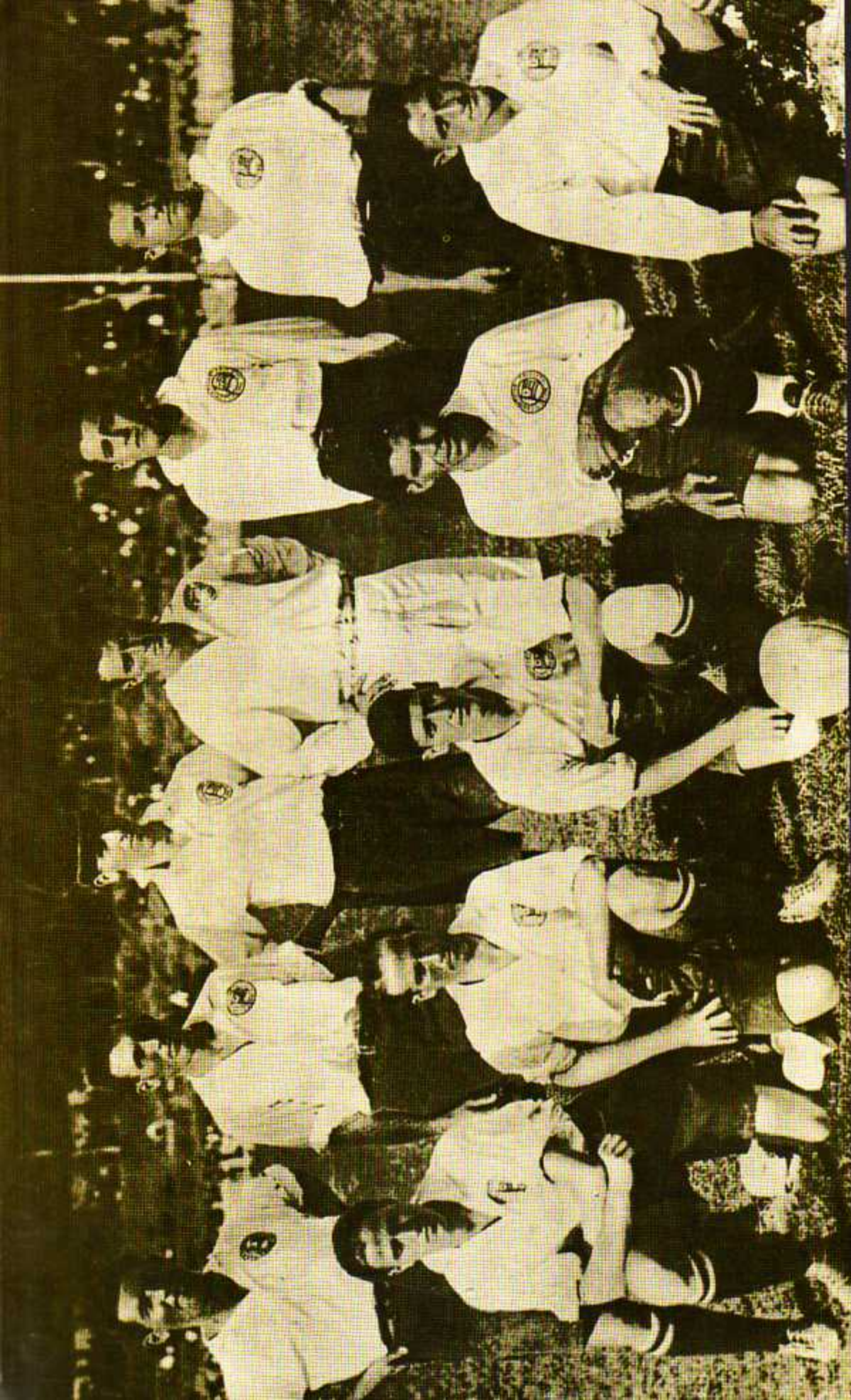
(Em pé) Fúlvio, Casemiro do Amaral e Casemiro Gonzalez
(Agachados) Police, Bianco e César.
(Sentados) Aristides, Peres, Amílcar, Dias e Neco

1916 A volta do invicto

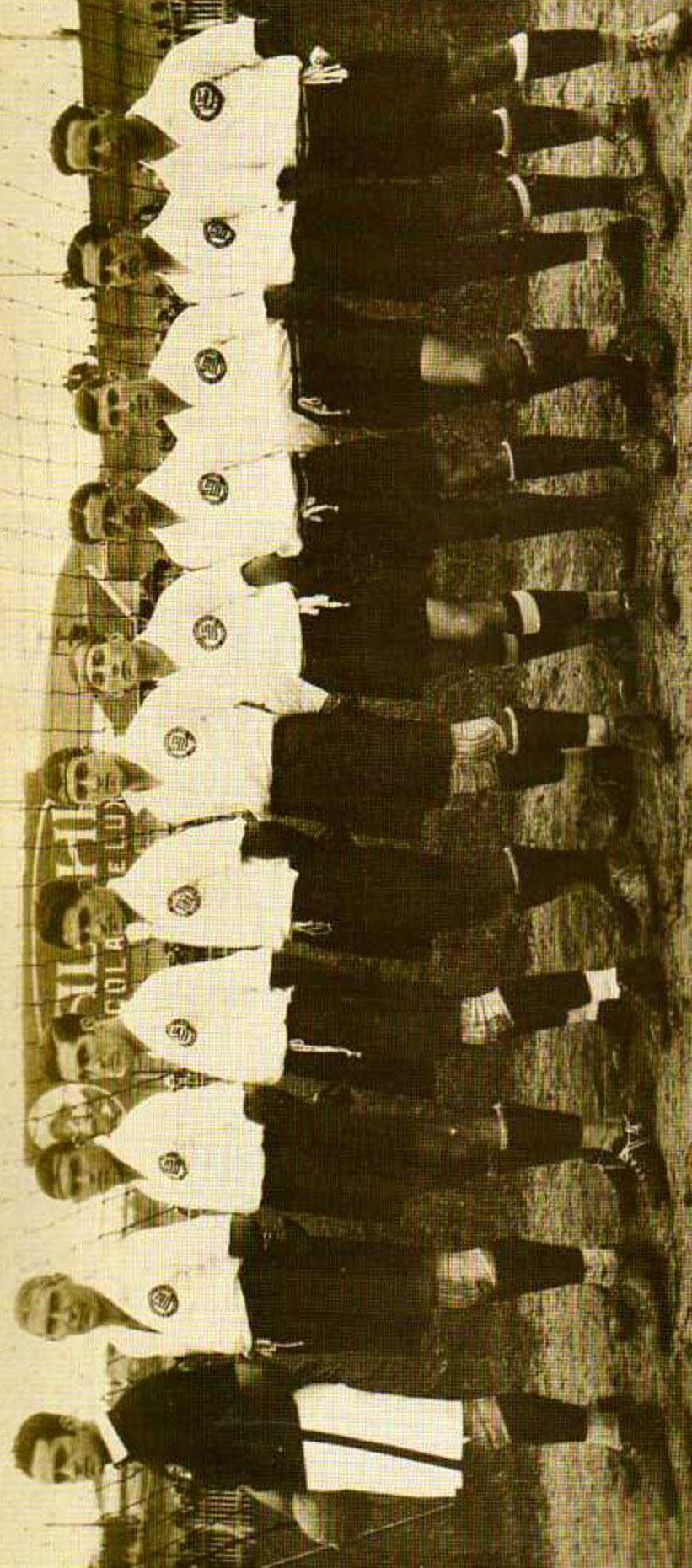
De olho em uma vaga no campeonato da Associação Paulista de Esportes Atléticos — que dava mais prestígio na época —, o Corinthians rompeu com a Liga Paulista de Futebol. E acabou não disputando nenhum dos dois campeonatos em 1915. Quando voltou à Liga, em 1916, foi para ganhar o título, e novamente sem derrota: venceu todos os 7 jogos.

(Da esquerda para a direita) Américo, Peres, Amílcar, Aparício, Neco, Police, Bianco, César Nunes, Fúlvio, Sebastião e Casemiro González

1922 Um título por 100 anos

No ano do primeiro Centenário da Independência do Brasil, o time sagra-se campeão jogando pela primeira vez contra Palestra Itália (hoje Palmeiras) e Paulistano (cujos sócios fundaram o atual São Paulo). Na Final, já com o novo escudo no peito, uma vitória sobre o Paulistano (2 x 0) assegurou a conquista. Outra chance daquela os rivais só terão em 2022.

(Da esquerda para a direita) Mário, Peres, Amílcar, Rafael, Del Debbio, Gelindo, Neco, Ciasca, Tatu, Gambarotta e Rodrigues

1924 O time do primeiro tri

Nos dois anos seguintes (1923 e 1924), só deu Timão em São Paulo. A base do campeão do Centenário foi mantida, mas outros ídolos também começaram a surgir aos poucos. Como o zagueiro Grané (substituto de Rafael, que aparece na foto), dono de um chute fortíssimo, e o goleiro Colombo (que passou a revezar com Mário).

(Em pé) Gelindo, Rafael, Rueda, Colombo, Del Debbio e Clasco. (Agachados) Peres, Neco, Pinheiro, Tatu e Rodrigues

1928 Esquadrão renovado

Depois de um rápido intervalo de três anos, a volta da hegemonia alvinegra. A defesa (na época chamada de "trio final"), formada por Tuffy, Grané e Del Debbio, fica para sempre na memória corintiana. A ala esquerda Rato e De Maria segue o mesmo destino. Em 14 jogos, este time só perdeu 1, para o Santos, por 3 x 2. No ano seguinte, seria bi.

(Da esquerda para a direita)
Tuffy, Grané, Apparício, Neco, De Maria, Del Debbio, Gambinha, Mário, Munhoz, Soares e Rato

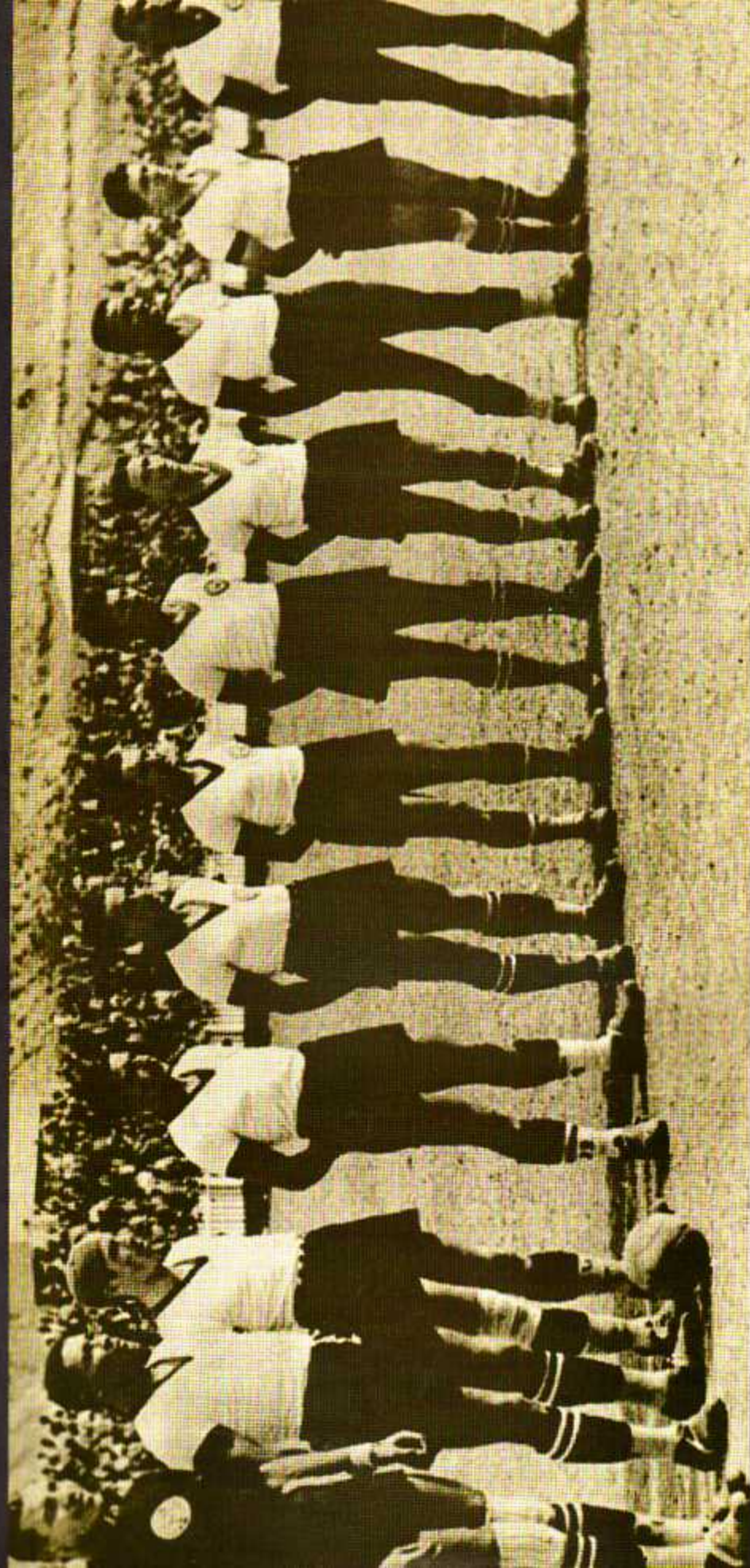
1930 O dono da década

Com o Campeonato Paulista de 1930, o Corinthians fecha a década com dois tricampeonatos e seis títulos em dez disputados. Neco, o primeiro ídolo, despede-se do time titular, depois de dezessete anos e oito campeonatos conquistados, e ganha uma estátua no Parque São Jorge. Filó, Del Debbio, Rato e De Maria vão para a Lazio e o Corinthians entra em crise técnica.

(Em pé) Tuffy, Nerino, Grané, Guimarães, Del Debbio e Munhoz. (Agachados) Filó, Neco, Peres, Rato e De Maria

1937 Campeão profissional

Pela primeira vez desde a chegada do profissionalismo ao Brasil, em 1933, o Corinthians fica com a taça. Destaques para o zagueiro Jaú (que, vendido ao Vasco, jogaria a Copa do Mundo de 1938 pela Seleção) e para o artilheiro Teleco, autor do gol da vitória contra o Palestra Itália, no Parque Antártica, que praticamente garantiu a conquista.

(Da esquerda para a direita)
José I, Jaú, Brandão, Teleco, Munhoz, Carlito, Carlos, Jango, Daniel, Carlinhos e Filó

1939 Tri em tempo de guerra

Na Europa, começava a Segunda Guerra Mundial. Em São Paulo, o Corinthians chegava ao seu terceiro tri (feito que nenhum outro clube do Estado conseguiu igualar até hoje). O bi, invicto, havia sido conquistado com um gol suspeito de Carlito, com a mão, contra o São Paulo. Mas a conquista de 1939 não deixou dúvidas: em 20 jogos, foram 17 vitórias.

(Da esquerda para a direita)
Joel, Lopes, Jango, Sebastião, Carlos, Carlinhos, Teleco, Joane, Brandão, Munhoz e Servílio

1941 Ganhando no Pacaembu

A âncora e os remos já faziam parte do escudo do clube, em homenagem aos esportes aquáticos. E o Corinthians é campeão pela primeira vez no palco favorito da Fiel, inaugurado apenas um ano antes. O time, que jogava por música, só não levantou a taça invicto por uma derrota na última rodada para o Palestra. Esperaria dez anos para repetir o feito.

(Em pé) Jango, Dino, Chico Preto, Brandão, Ciro, Agostinho e o técnico Del Debbio. (Agachados) Tite, Servilio, Teleco, Joane e Milani

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO

1944 Fé nos veteranos

O clube entrava para seu terceiro ano sem títulos. O jeito era apelar para veteranos, como o zagueiro Domingos da Guia (ex-Flamengo) e o ponta-esquerda Hércules (ex-Fluminense). Ambos estiveram na Copa de 1938, mas não conseguiram ajudar o Timão: aquela equipe foi apenas a terceira colocada, atrás de Palmeiras e São Paulo. O jejum duraria mais sete anos.

(Em pé) General, Domingos da Guia, Bino, Brandão, Begliomini e Dino. (Agachados) Augusto, Servílio, Milani, Nandinho e Hércules

1951 11 homens, 103 gols

Foram dez anos de espera por um novo título. Mas, quando ele veio, foi em grande estilo. Pela primeira vez no futebol brasileiro, um time ultrapassava a marca dos 100 gols em um campeonato oficial. O Santos, em 1927, bateu nos 100. O Timão de Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e Mário (o ataque titular) fez 103 em apenas 28 jogos.

(Da esquerda para a direita) Cabeção, Baltazar, Touguinha, Jackson, Lorena, Murilo, Idário, Carbone, Julião, Luizinho, Cláudio e o técnico José Castelli (Rato)

1952 Festa em dose dupla

A base do time do bi paulista, em 1952, era a mesma, incluindo os ídolos Cláudio, Luizinho e Baltazar. Na defesa, porém, havia uma diferença fundamental: o goleiro Gilmar, futuro bicampeão mundial pela Seleção Brasileira, vindo do Jabaquara de Santos. Ele ajudou a garantir uma conquista tranqüila, com 25 vitórias em 30 jogos.

(Em pé) Gilmar, Idário, Olavo, Goiano, Homero e Roberto, (Agachados) Cláudio, Luizinho, Baltazar, Rafael e Souzinha

1953 Recordista no exterior

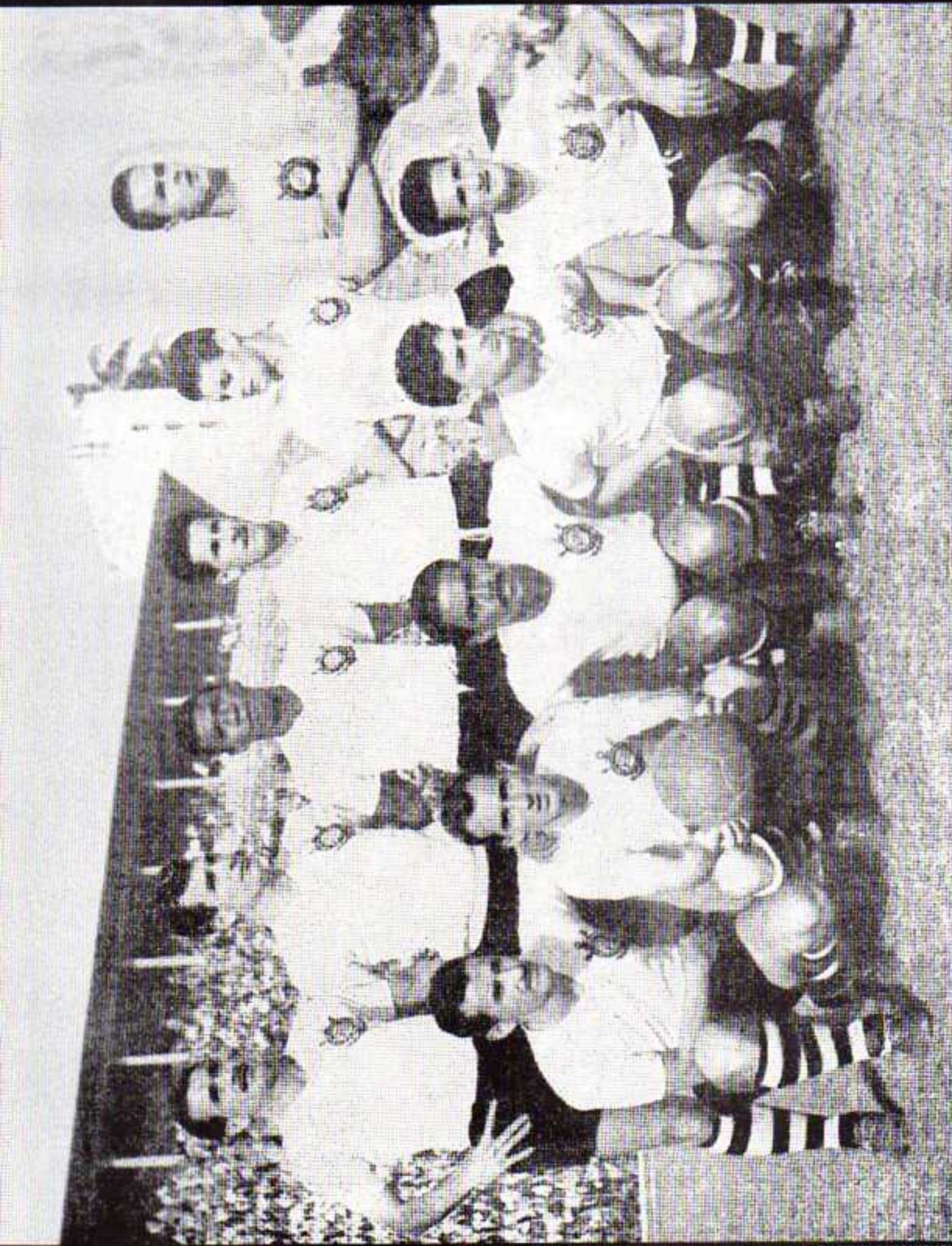
Jogando na Turquia, na Suécia, na Dinamarca, na Finlândia e na Venezuela (onde conquistou a Pequena Taça do Mundo com duas vitórias sobre o Barcelona, da Espanha), o time acima chegou a 28 partidas internacionais sem derrota. Bateu, assim, o recorde anterior, que pertencia ao Vasco.

(Em pé) Idário, Goiano, Gilmar, Homero, Olavo e Roberto. (Agachados) Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e Simão

VIOTTI

1954 Outra glória centenária

Assim como em 1922, todos queriam o campeonato de 1954. Era o ano de um outro centenário, o quarto desde a fundação da cidade de São Paulo. O Corinthians o conquistou com a base do bi de 1951/52 (Baltazar, que não jogou a última partida, não aparece na foto). O título, muito comemorado, foi o último até 1977.

(Da esquerda para a direita) Gilmar, Rafael, Goiano, Homero, Idário, Alan, Nonô, Roberto, Simão, Luizinho, Cláudio e o técnico Oswaldo Brandão

REVISTA DO CORINTHIANS

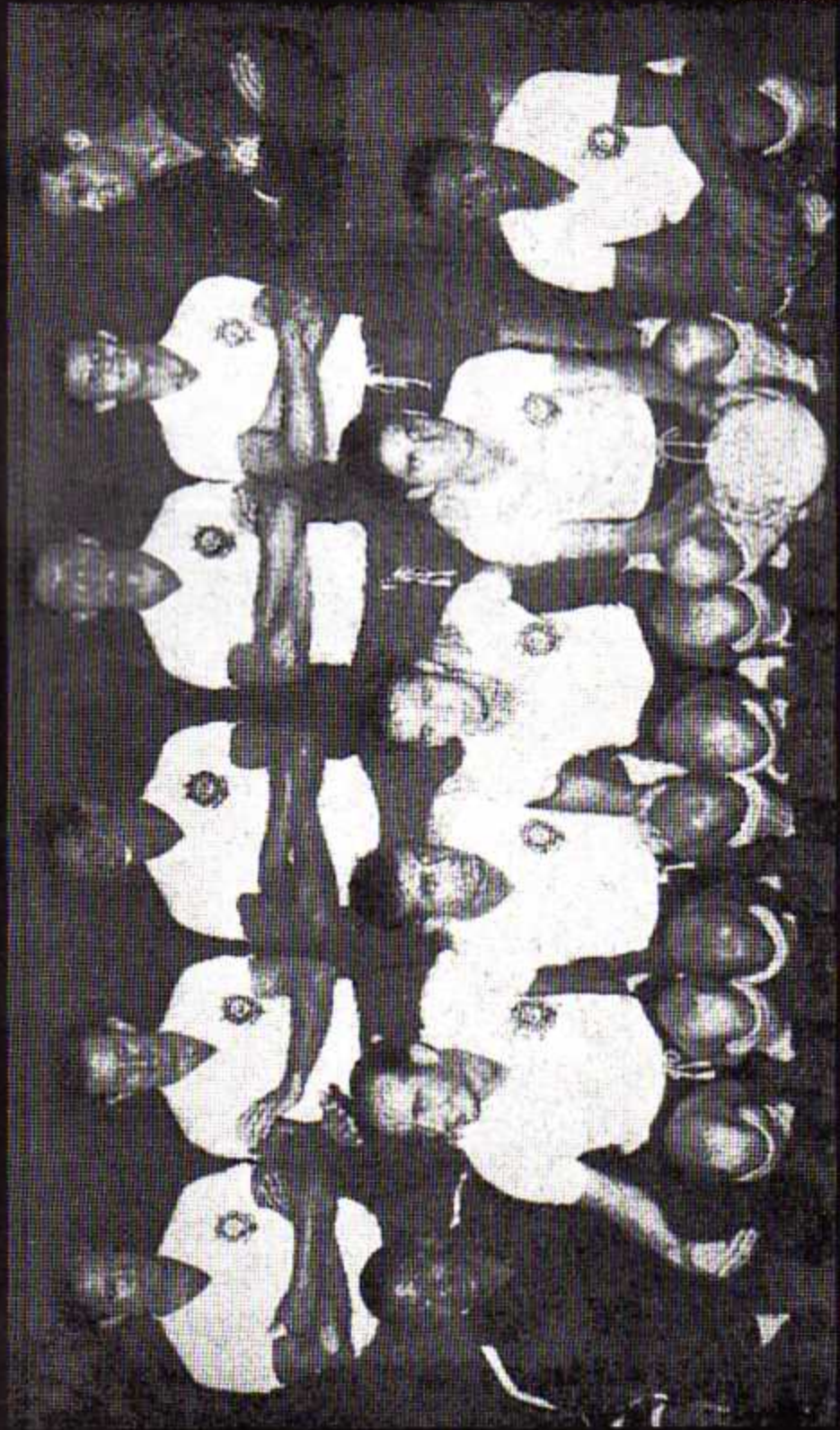
1955 Último grande feito

A vitória na Final do Torneio Internacional Charles Miller (2 x 1 contra o Benfica, de Portugal, no Pacaembu, em julho de 1955) encerra o período de conquistas mais significativas do clube. A base daquela equipe, feita em casa, ganhou, além dos campeonatos paulistas e internacionais, três Torneios Rio-São Paulo, em 1950, 1953 e 1954.

(Em pé) Idário, Homero, Julião, Olavo, Roberto e Gilmar. (Agachados) Cláudio, Luizinho, Baltazar, Rafael e Nelsinho

1957 O rei dos Invictos

Foram 25 jogos sem derrota até o empate em 3 x 3, contra o Santos, no último minuto de um jogo dramático. O feito valeu a posse definitiva da Taça dos Invictos, oferecida pelo jornal *A Gazeta Esportiva*. Mas o time, que liderou o Paulistão de ponta a ponta, acabou derrotado por Santos e São Paulo nas duas rodadas finais. E perdeu o campeonato.

(Em pé) Alfredo, Idário, Oreco, Walmir, Olavo e Gilmar. (Agachados) Cláudio, Luizinho, Paulo, Rafael e Boquita

REPRODUÇÃO / AE

1960 Em busca de um Pelé

Quando o já presidente Vicente Matheus tirou 6,5 milhões de cruzeiros do próprio bolso para trazer o atacante Almir, do Vasco, tinha um único objetivo: equilibrar a hegemonia do futebol paulista com Pelé. Mas, no Parque São Jorge, Almir — considerado o "Pelé branco" da época, um jogador com a mesma fama de indisciplinado de Edmundo — jogou pouco.

(Em pé) Oreco, Olavo, Ari Clemente, Benedito, Egídio e Gilmar. (Agachados) Lanzoninho, Almir, Higino, Rafael e Evanir

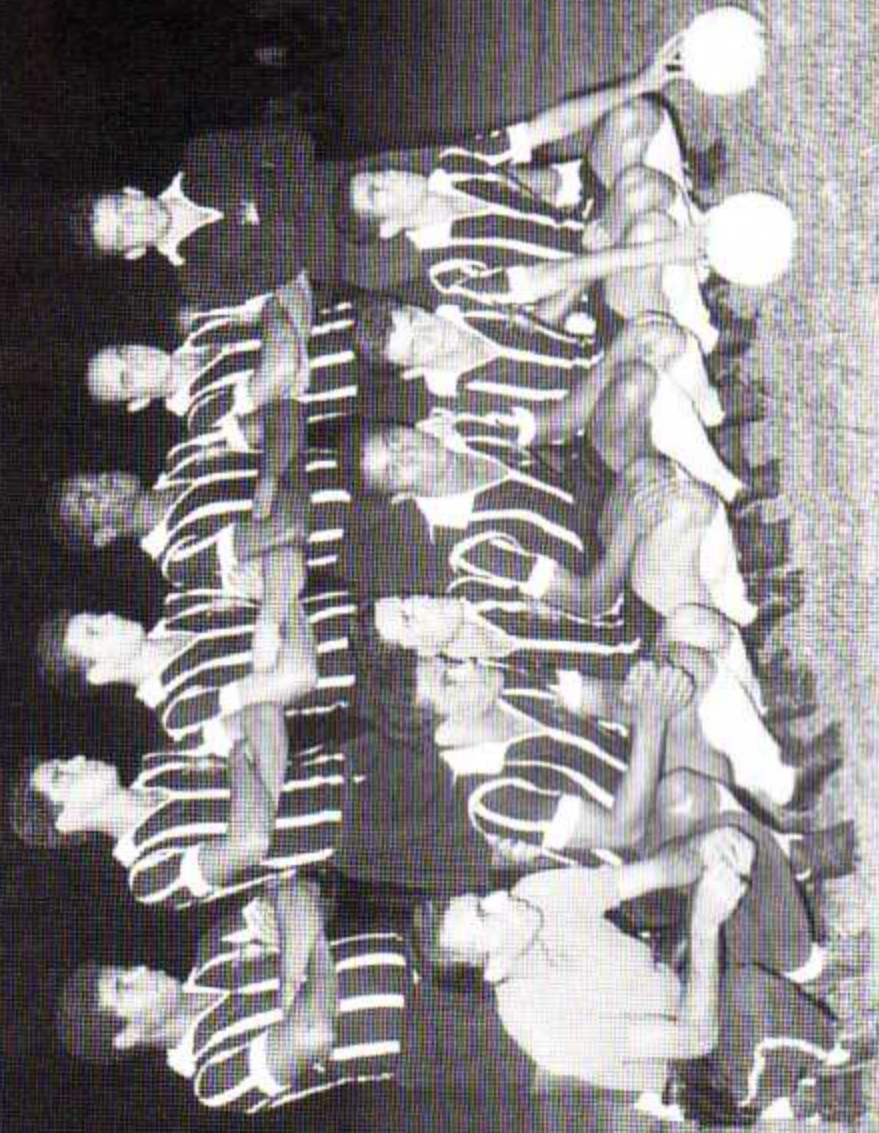
1961 O ano do "Faz-me Rir"

"Faz-me Rir" era o título de uma canção romântica que, no início dos anos 60, fez sucesso na voz da cantora Edith Veiga. E virou, também, o apelido do time que perdeu 7 dos 11 primeiros jogos do Campeonato Paulista de 1961. E aquele Corinthians não era tão ruim assim. Contava com dois campeões do mundo (Gilmar e Oreco) e terminou em sexto.

(Em pé) Oreco, Valmir, Jaime, Sídnei, Ari Clemente e Gilmar. (Agachados) Miranda, Abib, Joaquinzinho, Da Silva e Neves

1965 Timão virou Brasil

O Corinthians vestiu a camisa da Seleção Brasileira no dia 16 de novembro de 1965, em Londres, contra o Arsenal. Vinha de uma temperatura de 30 graus e de um clássico contra o Santos de Pelé (derrota por 4 x 2), apenas 48 horas antes. Jogando com 3 graus abaixo de zero, o time resistiu bem durante o primeiro tempo. Mas acabou perdendo por 2 x 0.

(Em pé) Oswaldo Brandão (técnico), Marcial, Clóvis, Maciel, Galhardo, Édson, Dino Sani, Eduardo e Heitor. (Agachados) Jair Marinho, Nei, Rivellino, Marcos, Flávio, Geraldo José e Gilson Porto

AGÊNCIA O GLOBO

1966 Com Ditão, Nair e Mané

"Vocês vão ver como é Ditão, Nair e Mané", dizia a manchete de *A Gazeta Esportiva*, chamando o público para a estréia de Garrincha no Corinthians, contra o Vasco, no Pacaembu. Ditão e Nair até jogaram por mais tempo. Mas Mané, já em fim de carreira, faria só 13 partidas e 2 gols com a camisa do Timão. Naquele dia (2/3), deu Vasco: 3 x 0.

(Em pé) Jair Marinho, Édson, Galhardo, Ditão, Dino Sani e Heitor. (Agachados) Garrincha, Nair, Flávio, Tales e Gilson Porto

1968 O fim do tabu maldito

Entre 1957 e 1968, o Corinthians passou onze anos e 22 jogos sem ganhar uma única vez do Santos — e, por extensão, de Pelé. O impossível aconteceu em uma noite de 6 de março, com um inesquecível 2 x 0 (um gol de Flávio e outro de Paulo Borges). Do time acima, apenas o lateral Louro (que, aqui, substitui Osvaldo Cunha) não estava em campo.

(Em pé) Louro, Luís Carlos, Ditão, Diogo, Édson e Maciel. (Agachados) Bulão, Paulo Borges, Flávio, Rivellino e Eduardo

1969 Esperança passageira

Fazia quinze anos que o campeonato não vinha. O Corinthians começou o Paulistão a todo vapor, com 12 vitórias em 15 jogos, inclusive nos clássicos com São Paulo, Palmeiras, Santos e Portuguesa. Mas um acidente automobilístico matou o lateral Lidu e o ponta-esquerda Eduardo, traumatizando o resto do time e adiando o sonho da redenção.

(Em pé) Ditão, Luís Carlos, Dirceu Alves, Pedro Rodrigues, Lidu e Lula. (Agachados) Paulo Borges, Tales, Benê, Rivelino e Eduardo

1971 A alegria do povo

Em tempos de vacas magras, qualquer conquista era comemorada como um título mundial. Isso aconteceu em 1971, com o Torneio do Povo. Um quadrangular que reunia Flamengo, Atlético Mineiro, Internacional e o próprio Corinthians, os times mais populares do país. Na Final contra o Inter, no Mineirão, o Timão ganhou com um gol de falta de Rivellino.

(Em pé) Zé Maria, Luís Carlos, Benê, Ditão, Tião e Ado. (Agachados) Pedrinho, Lindóia, Paulo Borges, Rivellino e Aladim

J.B. SCALCO

1974 Uma grande decepção

O time que entrou em campo para enfrentar o Palmeiras, no Morumbi, no dia 22 de dezembro de 1974, deveria ter entrado para a história. Era a chance de reconquistar o tão sonhado Campeonato Paulista, contra o mesmo rival e exatamente vinte anos depois. Mas as esperanças morreram nos pés de Ronaldo, o autor do gol da vitória palmeirense por 1 x 0.

(Em pé) Zé Maria, Buttice, Tião, Brito, Ademir e Wladimir. (Agachados) Vaguinho, Lance, Zé Roberto, Rivellino e Adãozinho

1973 Feliz Carnaval, Fiel!

Laudo Natel era o governador (são-paulino) do Estado de São Paulo naquele 1973. E também o nome de uma taça, espécie de aperitivo para o Campeonato Paulista, que era disputada por clubes da capital e do interior. Foi conquistada pelo Corinthians vencendo o Palmeiras por 2 x 1, de virada, em um sábado de Carnaval. Festa completa para a torcida alvinegra.

(Em pé) Zé Maria, Vágner, Ado, Tião, Luís Carlos e Miranda. (Agachados) Vaquinho, Lance, Mirandinha, Rivellino e Marco Antônio

1976 O Maracanã é nosso

Setenta mil fiéis estavam no Rio para ver o Corinthians jogar a Semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976, contra o Fluminense, no Maracanã. Depois do 1 x 1 no tempo normal, vitória nos pênaltis, por 4 x 1. No domingo seguinte, em Porto Alegre, a mesma equipe perderia a Final para o Internacional. Mas voltaria com um inédito vice-campeonato nacional.

(Em pé) Zé Maria, Tobias, Moisés, Zé Eduardo, Givanildo e Wladimir. (Agachados) Vaguinho, Neca, Geraldão, Ruço e Romeu

José Pinto

1977 O começo do desabafo

Três meses antes do triunfo final contra a Ponte Preta, o povão corintiano começava a desabafar com o título do Segundo Turno (Taça Governador do Estado). A conquista veio do jeito que o torcedor mais gosta: com vitória, na Final, sobre o Palmeiras (1 x 0). Palhinha, o craque que estaria ausente na Final contra a Ponte, marcou presença naquela noite.

(Em pé) Zé Maria, Tobias, Ruço, Moisés, Ademir e Cláudio Mineiro. (Agachados) Vaguinho, Basílio, Palhinha, Geraldão e Edu

MANOEL MOTTA

1978 A volta dos bons tempos

Vencido o trauma da falta de conquistas, o Corinthians entra em 1978 com um time reforçado por Sócrates, Amaral e Biro-Biro. Ganha o Primeiro Turno do Paulistão (Taça Cidade de São Paulo) dando show de bola nos adversários. Mas, vencido pelas vaidades pessoais de parte do elenco, pára por aí — o título daquele ano ficou com o Santos.

(Em pé) Jairo, Zé Maria, Taborda, Amaral, Zé Eduardo e Romeu. (Agachados) Píter, Palhinha, Sócrates, Biro-Biro e Wladimir

MANOEL MOTTA

1979 Chora, Palmeiras

O Paulistão de 1979 teve três turnos e, em todos, o Palmeiras foi o melhor. Uma pendência no tapetão, porém, adiou a decisão para fevereiro de 1980. Tempo suficiente para o Timão se entrosar e o Verdão de Telê Santana perder o ritmo. Um empate e uma vitória contra o arquiinimigo levaram o Corinthians à decisão e ao título, de novo contra a Ponte Preta.

(Em pé) Jairo, Zé Maria, Mauro, Amaral, Caçapava e Romeu. (Agachados) Píter, Palhinha, Sócrates, Biro-Biro e Wladimir

1981 Tentativa frustrada

Para tentar salvar o time do vexame de disputar a Taça de Prata (a Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro) no ano seguinte, em 1981 o clube investiu em dois reforços do futebol carioca: Rondinelli, o "Deus da Raça" do Flamengo, e o polêmico Paulo César Caju. Não deu certo. A mediocre campanha no Paulista (oitavo lugar) tirou a vaga no Brasileiro.

(Em pé) Rondinelli, Gomes, Zé Maria, Rafael, Caçapava e Wladimir. (Agachados) Biro-Biro, Sócrates, Mário, Zenon e Paulo César Caju

MANOEL MOTTA

1982 Virada para a história

No início de 1982, o Corinthians disputava a Taça de Prata. Meses depois, chegava às Semifinais da de Ouro, a Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro. O regulamento, maroto, permitia tamanha esquisitice. Mas houve, também, uma boa dose de futebol bem jogado e amor à camisa. O feito, inédito, jamais foi igualado por outro clube brasileiro.

(Em pé) César, Zé Maria, Wágner Basílio, Gomes, Paulinho e Wladimir. (Agachados) Sócrates, Casagrande, Zenon e Biro-Biro

RONALDO KOTSCHO

1982 Vitória da democracia

Em dezembro, um time solidário, liderado pela genialidade de Sócrates e impulsionado pelos gols do garoto Casagrande, sagrava-se campeão paulista. O segredo chamava-se Democracia Corintiana, movimento que, bem ao gosto do clima de abertura política da época, pregava uma maior participação dos jogadores nas decisões do clube.

(Em pé) Solito, Sócrates, Ataliba, Casagrande, Zenon e Biro-Biro. (Agachados) Mauro, Daniel Gonzáles, Alfinete, Paulinho e Wladimir

PEDRO MARTINELLI

1983 Bis para a liberdade

Havia quem fosse contra, como o recém-contratado goleiro Leão e o volante Biro-Biro. Apesar das críticas, no entanto, a Democracia liderada por Wladimir, Sócrates e Casagrande repetiu o sucesso no ano seguinte, dando um bicampeonato estadual ao clube depois de 31 anos. As duas decisões foram ganhas em cima do São Paulo.

(Em pé) Leão, Sócrates, Casagrande, Eduardo Amorim, Biro-Biro e Zenon. (Agachados) Mauro, Alfinete, Paulinho, Juninho e Wladimir

1984 Estes quase foram tri

O Corinthians disputou um Campeonato Paulista cheio de altos e baixos em 1984, mas chegou à última rodada precisando de uma vitória simples contra o Santos para realizar um sonho de 45 anos: o tricampeonato paulista. Só que deu Peixe (1 x 0, gol de Serginho Chulapa) e a festa, mais uma vez, teve de ser adiada.

(Em pé) Carlos, Zenon, Lima, Arturzinho, Eduardo e Dunga. (Agachados) Biro-Biro, Wágner Basílio, Wladimir, Juninho e Édson

1985 Recordar é viver

29 de setembro de 1985: no mês do 75º aniversário do clube (Jubileu de Diamante), o time entra em campo com réplicas das camisas utilizadas pelos pioneiros, em 1910. O adversário era a Ferroviária de Araraquara, o estádio, o Pacaembu e o resultado, um insosso empate de 0 x 0. O jogo valia pelo Campeonato Paulista daquele ano.

(Em pé) Solito, De León, Serginho, Casagrande, Luís Fernando, Paulo César e João Paulo. (Agachados) Dunga, Édson, Mauro e Wladimir

CLAUDINE PETROLI

1985 Seleção de papel

O time acima foi idealizado no início de 1985 para ganhar o Mundial Interclubes no Japão. À exceção do eficiente volante Biro-Biro, todos os demais tiveram passagens pela Seleção (o zagueiro De León, pela uruguaia). Mas o Dream Team corintiano acabou eliminado do Campeonato Brasileiro em uma chave que tinha Sport, Coritiba e Joinville.

(Em pé) Carlos, Casagrande, Serginho, Arturzinho, Dunga e João Paulo. (Agachados) De León, Juninho, Édson, Biro-Biro e Wladimir

NELSON COELHO

1987 Renascido das cinzas

No final do Primeiro Turno, o Corinthians era o penúltimo colocado, à frente apenas do Novorizontino. Mas, no Segundo, o que parecia impossível aconteceu. O time ganhou 13 dos 19 jogos disputados e, de candidato a rebaixado, foi para a Final contra o São Paulo, perdendo um jogo (2 x 1) e empatando o outro (0 x 0).

(Em pé) Waldir Peres, Mauro, Biro-Biro, Dida, Édson e Wilson Mano. (Agachados) Jorginho, Eduardo, Edmar, Éverton e João Paulo

(Da esquerda para a direita) Biro-Biro, Denílson, Viola, Márcio, Ronaldo, Dida, Édson, João Paulo, Paulinho Carioca, Éverton e Marcelo

1988 Vinte vezes o melhor

O Guarani tinha Ricardo Rocha, Evair, João Paulo e Neto, que, no primeiro jogo das Finais (1 x 1), fez até gol de bicicleta. Por isso, durante toda a semana pouco se falou do Corinthians. Até que na prorrogação da partida decisiva, em Campinas, o garoto Viola, de 19 anos, fez o gol da vitória. O Timão se tornava, pela 20ª vez, o melhor de São Paulo.

1993 Experiência caipira

Após a derrota para o Palmeiras na Final do Paulistão, a diretoria foi buscar reforços no "Carrossel Caipira" do Mogi-Mirim, a revelação do campeonato. Para a disputa do Torneio Rio-São Paulo, trouxe, de uma só vez, o lateral Admilson, o meia Válber e os atacantes Rivaldo e Leto. Mas, no Parque São Jorge, nenhum deles vingou.

(Em pé) Ronaldo, Luiz Carlos Winck, Marcelo, Rivaldo, Marcelinho Paulista e Henrique. (Agachados) Leto, Válber, Ezequiel, Admílson e Viola

RONALDO KOTSCHO

1994 Atalho da Libertadores

Podia parecer pouco, mas foi a conquista da Taça Bandeirantes, torneio disputado por clubes paulistas na época da Copa do Mundo, que garantiu a vaga do Corinthians na Copa do Brasil de 1995. No ano seguinte, o clube paparia também aquele título, classificando-se para a Taça Libertadores da América de 1996.

(Em pé) Elias, Gralak, Wilson Mano, Henrique, Zé Elias e Ronaldo. (Agachados) Viola, Marques, Ezequiel, Marcelinho e Souza

NELSON COELHO

1994 Vice brasileiro

Com os veteranos Paulo Roberto e Branco pelas laterais e a dupla Viola e Marcelinho na frente, o Corinthians manteve a tradição de chegar à Final do Campeonato Brasileiro em anos de Copa do Mundo. Na última partida, o empate (1 x 1) acabou favorecendo o Palmeiras, que ficou com o título.

(Em pé) Paulo Roberto, Henrique, Luizinho, Gralak, Branco e Ronaldo. (Agachados) Marcelinho Paulista, Marques, Souza, Viola e Marcelinho

ANTONIO RODRIGUES

1995 Heróis de guerra

Depois de um duro empate (2 x 2) com o Bragantino pelo Primeiro Turno do Campeonato Paulista, os guerreiros do Timão posam para PLACAR em uma foto pouco convencional na história do futebol. Mas que retrata toda a gana da gente corintiana.

(Em pé) Ronaldo, André Santos, Zé Elias, Pinga, Vítor e Elivélton. (Agachados) Marques, Tupãzinho, Silvinho, Ezequiel, Fabinho e Marcelinho

1995 Reis da Copa do Brasil

A foto acima é da noite da Final contra o Grêmio, em Porto Alegre, quando só o empate bastava. Mesmo assim, o Timão ganhou de 1 x 0, gol de Marcelinho. No caminho desta campanha invicta, a maior vítima foi o Vasco, que, nas Semifinais, caiu no Pacaembu por 5 x 0. Estava aberto o caminho para a terceira participação corintiana na Libertadores.

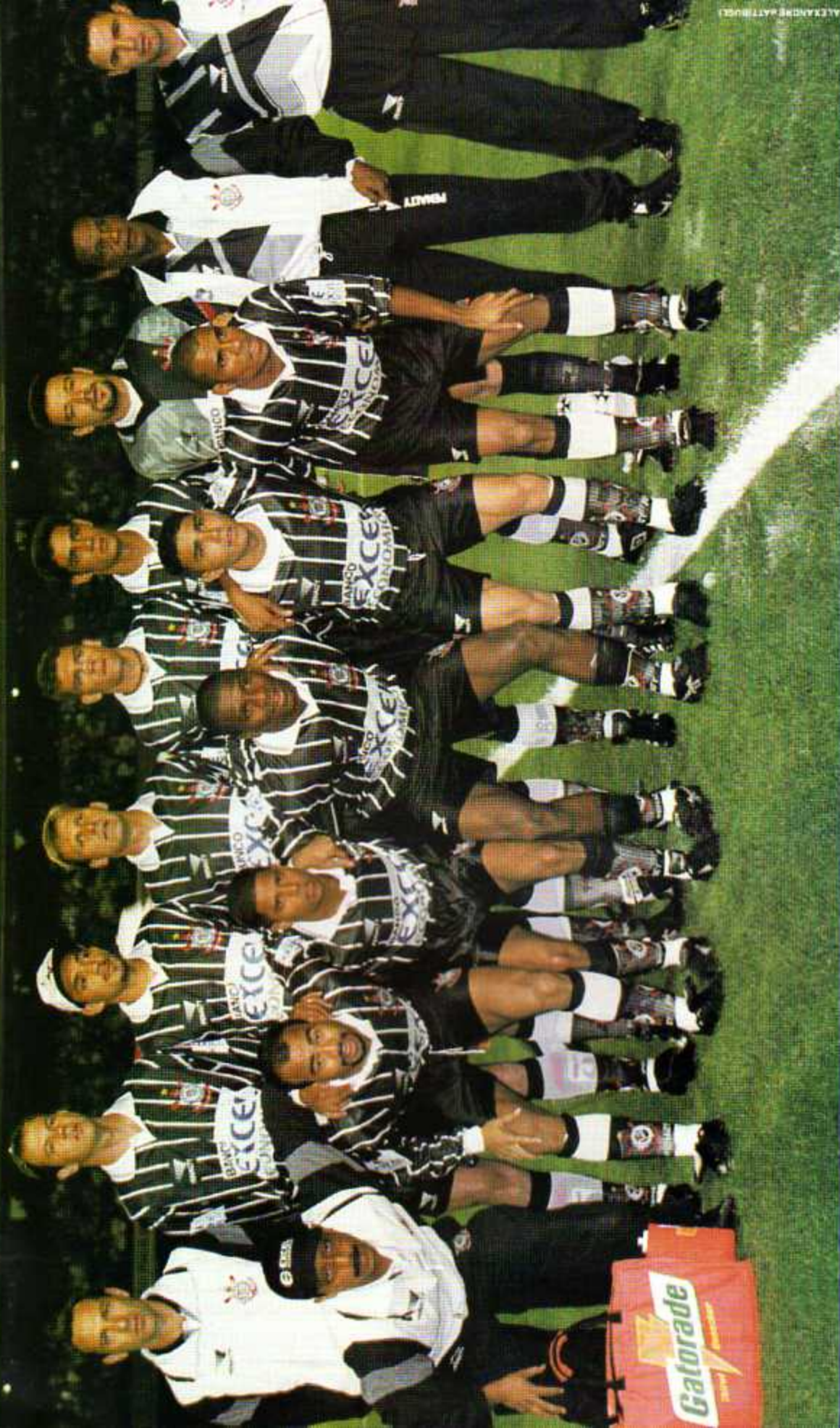
(Em pé) André Santos, Bernardo, Célio Silva, Henrique, Zé Elias e Ronaldo. (Agachados) Souza, Silvinho, Marques, Viola e Marcelinho

DJALMA VASSÃO / AE

1995 O Palmeiras é freguês

Nada pode ser melhor para um corintiano que ganhar um título justamente em cima do seu rival alviverde. As novas gerações não sabiam o que era isso até a tarde em que Marcelinho e Elivélton, na prorrogação, sepultaram o Verdão com dois golaços. As derrotas nas decisões do Paulistão de 1993 e no Brasileiro de 1994 estavam devidamente vingadas.

(Em pé) Bernardo, Célio Silva, Henrique, André Santos e Ronaldo. (Agachados) Silvinho, Marcelinho, Zé Elias, Marques, Viola e Souza

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1997 Na grana e na bola

O patrocinio milionário do Banco Excel ajudou muito, trazendo craques de sobra (Túlio, o artilheiro, por exemplo, era reserva). Mas o time também correspondeu em campo. Durante a campanha, sobraram gols — 8 x 2 no Guarani, 6 x 2 no São José, 5 x 2 no Palmeiras. E, na Final, bastou empatar com o São Paulo (1 x 1).

(Em pé) Antônio Carlos, Romeu, Henrique, Fábio Augusto, André e Ronaldo. (Agachados) Mirandinha, Marcelinho, Gilmar, Souza e Donizete

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1998 Glória incontestável

Durante todo o Campeonato Brasileiro de 1998, um dos mais disputados de todos os tempos, o Corinthians foi o melhor time. E continuou sendo, inclusive nas Finais contra o perigoso Cruzeiro, quando empatou merecendo vencer no Mineirão (2 x 2), foi prejudicado pelo árbitro no Morumbi (1 x 1) e, finalmente, fez a festa no terceiro jogo (2 x 0).

(Em pé) Maurício, Márcio Costa, Nei, Gamarra, Batata, Silvinho, Rincón e Cris. (Agachados) Dinei, Amaral, Mirandinha, Didi, Rodrigo, Vampeta, Índio, Ricardinho, Marcelinho e Edílson

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1999 Com o futuro garantido

É do time campeão da Copa São Paulo de Futebol Júnior que saíram alguns dos destaques do atual elenco principal, como os atacantes Fernando Baiano e Éwerthon, e o meio-campo Edu, autor do golaço da vitória na Final contra o Vasco. E há, ainda, muita gente boa esperando uma chance, como o goleiro Renato e o meia Andrezinho.

(Em pé) Yamada, Marcelo, Rodrigo, Ânderson, Edu, Wágner, Waldir e Renato. (Agachados) Andrezinho, Fernando Baiano, Kléber, Índio, Gil, Pingo, Gilmar, Ricardinho, Danilo e Éwerthon

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1999 Teu presente, uma lição

O time atual manteve a base do Campeonato Brasileiro. E começou o ano sonhando alto, com as conquistas da Libertadores e do Mundial Interclubes, em Tóquio. Enfrenta contusões, problemas financeiros e de relacionamento dentro do elenco. Mas todo corintiano sabe: para o seu time, nada é impossível.

(Em pé) Nei, Gamarra, Rincón, Batata, Vampeta e Silvinho. (Agachados) Fernando Baiano, Ricardinho, Índio, Marcelinho e Edílson

1990 A Fiel toma con

A primeira conquista nacional do clube veio em dois jogos finais contra
Neto — o "eterno xodó da Fiel" — havia se encarregado de dizimar os a
Na decisão, a festa foi toda do talismã Tupãzinho, o homem do gol do

...ata do Brasil

...o São Paulo, ambos vencidos por 1 x 0. Antes disso, porém, ...dversários, um a um, com suas venenosas cobranças de falta. ...título. O primeiro e inesquecível campeonato brasileiro do Timão.

(Em pé) Giba, Jacenir, Marcelo, Guinei, Márcio e Ronaldo. (Agachados) Fabinho, Wilson Mano, Tupãzinho, Neto e Mauro

MANOEL MOTTA

1977 Adeus aos anos

Foram mais de duas décadas contratando jogadores, alguns a peso de ou com uma equipe relativamente modesta. Contundido na segunda partida do time, não jogou naquela histórica noite de quinta-feira, 13 de outubro

de sofrimento

ro. Mas, no fim, o Corinthians chegou ao tão sonhado título
das dramáticas Finais contra a Ponte Preta, Palhinha, o craque
. A noite do gol de Basílio. A noite da libertação corintiana.

(Em pé) Zé Maria, Tobias, Moisés, Ruço, Ademir e Wladimir. (Agachados) Vaquinho, Basílio, Geraldão, Luciano e Romeu